

CONFLITOS SOCIAIS EM TERRAS INDÍGENAS: AS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA E A RESISTÊNCIA DOS KRENAK À DITADURA MILITAR NO BRASIL

José Alves Dias

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: jose.dias@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

871

Em 2016, foi lançado em São Paulo, durante a Semana de Anistia e a Virada Sustentável, o documentário “GUERRA SEM FIM - Resistência e Luta do Povo Krenak”, produzido pela UNNOVA, em parceria com o Ministério Público Federal (MPF), com apoio da Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR), da Associação Nacional de Direitos Humanos, Pesquisa e Pós-Graduação (ANDHEP) e elaborado a partir de fontes audiovisuais coletadas entre maio e agosto de 2014, nos territórios indígenas Krenak e Maxakalí.

O principal objetivo desse estudo, inserido numa pesquisa mais ampla sobre a ditadura militar no Brasil, foi utilizar o recurso audiovisual como fonte documental para dar ouvidos às narrativas dos Botocudos/Krenak sobre a sua longa trajetória de migrações e acerca das inúmeras violações dos seus direitos dentro e fora dos territórios demarcados e homologados.

Os Krenak, inicialmente denominados de Botocudos pelos colonizadores portugueses, têm um histórico de migrações forçadas, tentativas de extermínio e descaracterização de sua cultura. Analisar suas memórias é reconhecer a legitimidade de suas narrativas ancestrais acerca dos aldeamentos, das restrições de acesso aos seus territórios e dos processos judiciais em conjunturas de disputas agrárias no Brasil.

Atualmente, cerca de 400 pessoas habitam as aldeias Krenak que se situam no município de Resplendor, em Minas Gerais, num território correspondente a pouco mais de 4 mil hectares e que foi reconhecido oficialmente e homologado em 2001 (TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL, 2022).

METODOLOGIA

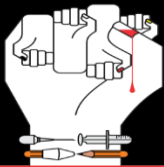
Desde 2014, os pesquisadores e as pesquisadoras do Laboratório Estado e Conflitos Sociais no Brasil (LAPECS) têm se proposto a analisar os relatos dos povos

Realização:



Apoio:





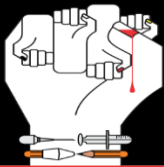
indígenas sobre a violência à qual foram submetidos, durante os anos de 1964 e 1985, na vigência da ditadura militar no país. No caso específico, a metodologia aplicada caracteriza-se por analisar as narrativas dos Krenak, registradas em áudio e vídeo, mobilizando-as, com o apoio dos estudos e das teorias da memória, para a compreensão dos eventos históricos ocorridos no período citado. Infere-se, num contexto geral, que a preservação das memórias depende, em grande parte, dos quadros sociais previamente existentes, tais como a linguagem, a família, a religião, tradição e a classe social, tal como evidenciado em Maurice Halbwachs (1952). Segundo ele, os quadros de referência são imprescindíveis para a subsistência das lembranças de um determinado grupo que, de outra forma, poderiam perder-se no tempo ou tornarem-se difusas ao ponto de desaparecerem.

Presume-se que as migrações forçadas e as diversas formas de violências praticadas contra os Krenak foram tentativas relativamente ineficazes de silenciar suas memórias, dadas às configurações vigorosas dos quadros sociais que constituíram a cosmologia indígena ao longo dos séculos. Diante disso, os relatos foram analisados com o propósito de confirmar ou não essa hipótese e, posteriormente, cotejados com outras fontes e as experiências de outras etnias. Portanto, os resultados da pesquisa ainda são parciais e deverão ser complementados com outros dados e novas análises envolvendo os Ka'apor, no Maranhão e os Aikewara, no Pará.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documentário tem duração de vinte e nove minutos e quarenta segundos, alternando depoimentos de jovens e anciões do povo Krenak – incluindo o cacique Nêgo (José Alfredo de Oliveira), falecido em 2018 –, procuradores do Ministério Público Federal e representação do Instituto Socioambiental. A produção tem uma trilha sonora original e parte da documentação utilizada, incluindo o audiovisual, procede do Museu do Índio, de publicações acadêmicas, bem como, de oitivas de processo investigativo criminal e inquérito civil público decorrentes de conflitos entre os indígenas e grileiros.

A exposição se divide em quatro partes: 1) uma história interrompida; 2) fragmentação de um povo; 3) reparação possível? 4) resistência e esperança. Como dito anteriormente, a produção do vídeo durou quatro meses e foram ouvidas pessoas das etnias Krenak e Maxakalí, contudo, o recorte da análise aqui proposta se restringe aos primeiros. O tema central foi a existência do reformatório, as prisões ilegais, a retirada



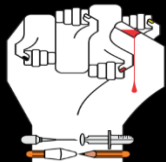
forçada para a Fazenda Guarani, localizada no município de Carmésia, em Minas Gerais e o retorno dos Krenak às suas terras.

Fato intrigante é a narrativa de um jovem sobre o constrangimento das pessoas acerca dos abusos cometidos contra seu povo, ainda que esses acontecimentos tenham sido narrados em rodas de conversas. Ao tocar no ponto específico das violações de direitos, ocorridas no período da ditadura militar, ele demonstra preocupação com o silêncio dos parentes mais antigos que, ainda hoje, temem tocar no assunto. Em seguida, uma liderança feminina, Laurita Maria Félix, explica que as lembranças daquele período ainda provocam sofrimento. Euclides Krenak, outro idoso, de 104 anos, mostra dois dedos quebrados por golpes de cassetetes de policiais. O silenciamento imposto comparece no depoimento do cacique Nêgo que se lembra, quando foram a Brasília encontrar-se com o presidente da República, receberam a advertência da FUNAI para não se identificarem como Krenak, pois estes já não mais existiam, e que deveriam se apresentar como os Maxakalí. Logo depois, há uma sequência de imagens com os indígenas silenciosos, acompanhados de um fundo musical, representando um longo período de memórias sufocadas, omitidas, emudecidas pela brutalidade das ações recorrentes de repressão a essa etnia.

Mas, como bem frisou Halbwachs, alguns aspectos da vida cotidiana se constituem como quadros sociais relevantes para mobilizar as memórias. Entre eles, a linguagem é um elemento de coesão identitária e os Krenak eram proibidos de se expressar, incluindo o uso de sua língua nativa nas cerimônias religiosas.

A permanência da língua é demonstrada em alguns trechos do documentário, nos quais Dejanira Krenak fala com desenvoltura. Em suas lembranças estão, ainda, a dança e a fogueira, como símbolos da sua existência e a de seus ancestrais. Tal registro é sobremaneira relevante tendo em vista que, não obstante o silenciamento imposto, há uma memória que permanece coletiva. A natureza social da memória é um ponto relevante da teoria de Halbwachs e nela se forjam os elementos imprescindíveis para a resistência dos povos tradicionais.

É certo que a recomposição da memória, como enfatiza Halbwachs, corresponde aos pensamentos dominantes de uma sociedade, assim como, a reconstrução do passado resulta das interações com o grupo ao redor. Todavia, as lembranças incertas e incompletas podem se regenerar quando as imagens se deslocam no tempo, até o presente, para fazer renascer o ambiente do qual os indivíduos foram arrancados.



CONCLUSÕES

Em 2015, uma barragem de contenção de rejeitos de mineração, de propriedade da empresa Samarco, se rompeu, destruiu cidades, matou pessoas e envenenou o sagrado “Watu”, o Rio Doce, maior fonte de subsistência dos Krenak. Mas, como diz na legenda do próprio documentário, eles continuam “mantendo os relatos vivos” e “a memória e a verdade resistem” (GUERRA SEM FIM, 2016).

Após analisar as principais entrevistas do vídeo documentário, com destaque para os relatos Krenak, é possível afirmar que o intenso processo de violação de direitos, incluso o período da ditadura militar no Brasil, deixou marcas profundas nas diversas gerações desta etnia, contudo, as lembranças denotam, também, que há permanências em seus hábitos e costumes que não foram arrancados pelos colonizadores europeus, nem pelas mineradoras e nem pelos golpistas de 1964. Com muita luta e disposição os Krenak conseguiram reaver parte do seu território em 1980, muitos ainda falam a sua língua Borun (do tronco linguístico Macro-Jê) e uma parte da liderança está empenhada em manter o conhecimento histórico da trajetória do grupo, da língua e dos rituais. (ISA, 1998)

874

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Ditadura. Indígenas. Krenak.

REFERÊNCIAS

GUERRA SEM FIM - Resistência e Luta do Povo Krenak. Roteiro e Direção: Vitor Blotta e Fabrício Bonni. Produção: Unnova. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DfkGVfkJpAM>. Acessado em 22 de abril de 2022.

Halbwachs, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire** (1925). Paris: Librairie Félix Alcan, Première édition, 1925. Collection: Les travaux de l'Année sociologique. Paris: Les Presses universitaires de France: Nouvelle édition, 1952, 299 pages. Collection: Bibliothèque de philosophie contemporaine.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Verbete Krenak**. 1998. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krenak#Retorno.C3.A0terra>. Acessado em 22 de abril de 2022.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. **Terra Indígena Krenak**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3736>. Acessado em 22 de abril de 2022.